



Ano 6, Vol XI, número 1, pág. 47- 84

EDUCAÇÃO SEXUAL EM CONTEXTO ESCOLAR: IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DA EFICÁCIA DE UM PROJETO DE INTERVENÇÃO NUMA TURMA DO 8º ANO

Rosana Santos¹ e Carlos Gonçalves²

Resumo

A educação sexual em contexto escolar é um tema atual e pertinente que necessita de investigação adequada no sentido de avaliar a eficácia das intervenções. A investigação apresentada procura avaliar a eficácia de um projeto de intervenção, realizado com adolescentes de uma turma do 8º ano, ancorado numa abordagem conceptual desenvolvimentista, ecológica e sistémica, enfatizando o impacto dos contextos de vida mais significativos do adolescente, como a família, a escola e o grupo de pares. Elegeu-se, intencionalmente, uma metodologia de projeto, realizando-se atividades desafiantes, respondendo aos processos espontâneos de desenvolvimento dos adolescentes, e partindo das necessidades que eles foram identificando no decorrer do processo de intervenção. A avaliação qualitativa corrobora a eficácia da intervenção no grupo experimental, comprovada pela avaliação quantitativa, uma vez que se verificam diferenças significativas entre o pré e o pós-teste, nas diversas dimensões analisadas, bem como face ao grupo de controlo na dimensão "mitos sobre sexualidade".

Palavras-chave: Educação sexual; projeto/programa; adolescentes; contexto escolar.

SEX EDUCATION IN SCHOOL CONTEXT: IMPLEMENTATION AND EVALUATION OF THE EFFICACY OF AN INTERVENTION PROJECT IN A CLASS OF 8TH YEAR

Abstract

Sex education in schools is a current and relevant topic that needs proper research in order to evaluate the effectiveness of interventions. The research presented evaluates the efficacy of an intervention project was conducted with teenagers in a class of 8th grade, anchored in a conceptual developmental approach, ecological and systemic, emphasizing the impact of the contexts of life more meaningful of the adolescent, as family, school and peer group. Intentionally, a design methodology was chosen, performing challenging activities, responding to spontaneous processes of adolescent development, and starting from the needs they have identified during the intervention process.

¹ Mestre em Psicologia na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

² Professor Auxiliar na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto; Coordenador do Centro de Desenvolvimento Vocacional e Aprendizagem ao Longo da Vida do Centro de Investigação em Psicologia da Universidade do Porto (CPUP)

Qualitative evaluation confirms the effectiveness of the intervention in the experimental group, confirmed by quantitative assessment, for significant differences between pre and post-test are found, in various analyzed dimensions, and compared with the control group in the dimension "myths about sexuality".

Key-words: sexual education, project/program; adolescents; school context

Introdução

A educação sexual em meio escolar é um tema indiscutivelmente atual e de inegável pertinência, que carrega uma longa história de acesos debates políticos e ideológicos em todo o mundo, culminando com a criação de grupos de trabalho ou a sua integração em diversas leis, decretos de lei ou portarias, mas cujas diretrizes nem sempre são simples de concretizar.

Partindo de uma análise retrospectiva do problema em análise, que culmina com a Lei nº 60/2009 de 6 de agosto, que estabelece o regime de obrigatoriedade da educação sexual em meio escolar, reforça a integração da educação sexual no âmbito da educação para a saúde, nas áreas curriculares não disciplinares, procurou-se adotar uma lógica subjacente à metodologia de projeto, por contraponto com a ideia de programa (pré-definido e com estrutura mais rígida). Illback et al (1990, *in* Menezes, 2007) sistematizam o processo de elaboração de um projeto de intervenção, através da caracterização dos objetivos e atividades a desenvolver nos diversos momentos do seu decurso: identificar uma base generativa; proceder à análise do contexto e avaliação de necessidades; definir os objetivos da intervenção; selecionar estratégias de intervenção; preparar a implementação; e, implementar e avaliar o processo e os resultados. É através da avaliação contínua, colocando a ênfase sobre o

processo de construção dos atores envolvidos, proporcionando a base para a atribuição de significados sobre a situação em que se encontram (Azevedo & Valverde, 1999) que é possível efetuar a monitorização do processo e refletir acerca da necessidade de reformular o planejamento, modificando, por exemplo, estratégias ou atividades, ou mesmo redefinido os objetivos da intervenção, indo de encontro aos verdadeiros interesses e necessidades do grupo a quem a intervenção se destina (Piscalho & Leal, 2002). Esta reflexão, a par com o ambiente do grupo e as intervenções do animador, que devem ser pautadas por um estilo democrático, levam a resultados mais efetivos que perduram ao longo do tempo (Goldfarb & McCaffree, 2000).

A intervenção realizada privilegiou a utilização de estratégias de exploração reconstrutiva (por oposição às meramente informativas ou instrutivas), valorizando as experiências dos sujeitos, as interações e o contexto onde elas ocorrem, permitindo a construção de significados a partir das experiências vivenciadas e refletidas pelos sujeitos (Campos, 1992), possibilitando-lhes, no âmbito de uma relação de apoio emocional, atender à sua lógica de organização e funcionamento idiossincrática, renunciando à prescrição de modos de pensar, sentir ou agir (Coimbra, 1991 *in* Menezes, 1999). Pelo contrário, as estratégias de cariz mais informativo ou instrutivo impõem aos participantes quadros de referência e competências passíveis de serem ensinadas, treinadas, adquiridas e generalizadas aos diversos contextos e situações de vida dos indivíduos (Martin, 1990).

Alguns programas de educação sexual têm como principal objetivo (se não único) a redução das infeções sexualmente transmissíveis ou a diminuição

das taxas de gravidez na adolescência, focalizando-se na transmissão de informação sobre a temática (Thomas et al, 1992; Voss e Kogan (2001),). A difusão da informação nesta área, por si só, promovendo o designado “sexo seguro” através do recurso aos contraceptivos, pode ser contraproducente e levar a resultados paradoxais: elevadas taxas de gravidez adolescente e propagação de infecções sexualmente transmissíveis (Olsen, 1992; Thomas et al, 1992). Esta perspectiva, meramente informativa, é redutora e constitui apenas uma ínfima parte do que deveria ser efetuado neste domínio. Franklin e Corcoran (2000) referem que uma prevenção efetiva da gravidez adolescente requer muito mais do que a distribuição de contraceptivos e, segundo Corcoran et al (2000) os programas de prevenção devem ir para além da educação sexual e da informação sobre saúde, para intervirem efetivamente. Muitos estudos centram-se em variáveis relacionadas com a utilização de contraceptivos e os conhecimentos relacionados com a sua utilização como forma de prevenção da gravidez ou das infeções sexualmente transmissíveis, embora com algumas preocupações ao nível das atitudes e comportamentos face a inúmeras questões da sexualidade (Abal, 2004; Carrera-Fernandez et al, 2007; Chalmers et al, 1998; Costa & Leal, 2005; Giacomozzi, 2006; Rolston et al, 2004).

Este estudo, tem em conta a perspectiva do *Sexuality Information and Education Council of the United States* (SIECUS) que define a educação sexual como um processo de aquisição de informação e de formação de atitudes, crenças e valores, relacionados com a identidade, as relações interpessoais e a intimidade, que ocorre ao longo da vida (SIECUS, 1996; *in* McCaffree e Matlack 2001). Numa linha similar, Sampaio et al (2007) referem

que a educação sexual é um processo pelo qual se obtém informação e se formam atitudes e crenças acerca da sexualidade e do comportamento sexual. Como refere Menezes (1990, p. 172) a educação sexual é *“o processo através do qual um indivíduo aprende a compreender e a aceitar-se como pessoa com sentimentos sexuais e capacidades reprodutivas. Inclui a aprendizagem de formas funcionais, responsáveis e significativas de interação com os outros, visando propiciar um equilíbrio entre a liberdade e o crescimento individuais e os constrangimentos sociais”*.

Embora a vivência da sexualidade seja transversal a todo o ciclo vital, ela assume um papel preponderante na adolescência, fase do desenvolvimento humano marcada pelas transformações biológicas que caracterizam a puberdade, desencadeadas pelas mudanças hormonais que podem afetar o humor e o comportamento (Papalia et al, 2001), e pela introdução de alterações psicossociais significativas, como as necessidades de individuação e autonomia e o interesse e necessidade crescentes de construção de relações de intimidade (Costa, 2005). É na família que se inicia a educação sexual informal, na medida em que são os adultos com quem os adolescentes mantêm um relacionamento afetivo mais próximo e que, mesmo que não o façam deliberadamente, educam para a afetividade e responsabilidade desde a infância, servindo como modelos que os filhos tendem a seguir (Costa, 1998). A par da família, é no contexto das relações estabelecidas com os pares que os adolescentes experimentam os novos papéis emergentes nesta fase, constituindo-se o grupo de pares como crucial para o desenvolvimento do adolescente, através da solidariedade, mutualidade e apoio para enfrentar novos desafios (Soares, 1990).

Sem desvalorizar a importância da educação sexual informal, a educação sexual formal deverá ser efetuada de forma intencional, procurando promover a mudança e o desenvolvimento psicológico do indivíduo (Soares & Campos, 1986). Frade et al (1999) referem três conjuntos de objetivos que devem ser tidos em linha de conta no que concerne à educação sexual: um primeiro conjunto pertence à esfera do conhecimento de diversas questões relacionadas com a sexualidade; um segundo conjunto prende-se com sentimentos e atitudes; e, um terceiro conjunto relaciona-se com o desenvolvimento de capacidades individuais.

A Educação sexual, seguindo uma linha construtivista, *“deve começar pela construção de uma narrativa retrospectiva que integre de forma personalizada e progressiva a concepção, o nascimento e a infância, evoluindo posteriormente para a construção da individualidade própria, das aspirações, dos interesses, das aptidões características e dos valores, tudo isto, visando ajudar o jovem a elaborar o seu projeto de vida, integrador dos vários aspetos circunstanciais com que se venha a confrontar”* (Leitão, 2002, p. 235).

Os processos de intervenção neste domínio devem privilegiar uma abordagem ecológica (Bronfenbrenner, 1979), uma vez que as variáveis microssistémicas, tais como a estrutura familiar ou a escola, estão inter-relacionadas com as dimensões psicológicas individuais e constituem-se como grelhas de leitura fundamentais para a compreensão do indivíduo como um todo e para a intervenção, uma vez que o nosso objeto de análise se focaliza preferencialmente no sujeito e nos seus contextos imediatos: família e escola. Por conseguinte, as ações neste âmbito devem caracterizar-se por ser capazes

de envolver diversos agentes significativos para os seus participantes, como pais e professores (McCaffree & Matlack, 2001).

Objeto e objetivos do estudo

Muitas intervenções vão sendo realizadas neste âmbito, mas poucas são avaliadas, como é possível constatar pela escassez de documentos neste domínio (McIntyre & Araújo, 1999), e poucas utilizam verdadeiramente uma metodologia de projeto, como sugerem Sampaio et al (2007) no Relatório Final do Grupo de Trabalho de Educação Sexual, metodologia essa que implica analisar o contexto e os problemas aí sentidos, com a participação ativa de todos os intervenientes (Menezes, 2007). Assim, o objeto do estudo, agora apresentado, prende-se com a avaliação da eficácia de um projeto de intervenção, adotando uma metodologia de projeto, no âmbito da educação sexual em contexto escolar, realizado com uma turma do 8º ano de escolaridade comparando-a com outra turma do mesmo ano de escolaridade, que não foi alvo de intervenção, provenientes de duas escolas vizinhas

O estudo considerou alguns objetivos específicos que orientaram o projeto de intervenção: (a) Promover o desenvolvimento de uma conceptualização de sexualidade integradora de diversos aspetos do desenvolvimento humano, com marcas relacionais e centrada nos afetos; (b) Procurar desconstruir mitos e crenças acerca da sexualidade, passíveis de interferir negativamente no desenvolvimento dos adolescentes; (c) Responder às necessidades, relacionadas com educação sexual, sentidas pelos jovens que

compõem o grupo alvo da intervenção; (d) Promover o envolvimento dos pais, enquanto figuras significativas, no processo de intervenção.

Hipóteses e questão nuclear da intervenção

A questão essencial que norteou esta investigação poderá ser formulada neste enunciado: Um projeto de educação sexual em meio escolar, com um grupo de adolescentes, adotando uma metodologia processual de projeto, partindo da avaliação de necessidades do grupo-alvo e respectivos pais, monitorizado e sistematizado a partir de um quadro conceptual construtivista, ecológico e desenvolvimentista, terá alguma mais-valia, em termos de eficácia da intervenção, quando comparado com outras intervenções escolares avulsas, centradas na informação e instrução, e realizadas, por exemplo, nas áreas curriculares não disciplinares ou no âmbito transdisciplinar?

A partir da revisão da literatura acerca do estado da arte e da nossa prática de intervenção formularam-se as seguintes hipóteses de investigação:

- (1) Espera-se que, no momento inicial de avaliação, ou seja, no pré-teste, não existam diferenças significativas entre os grupos: experimental e de controlo;
- (2) Espera-se que os sujeitos do grupo experimental, no momento da avaliação final, apresentem uma visão da sexualidade menos instrumental e mais integradora e abrangente, com marcas relacionais e centrada nos afetos, do que antes da intervenção;
- (3) Espera-se que os sujeitos do grupo experimental, evidenciem um esbatimento relativamente aos mitos face à sexualidade;
- (4) Espera-se que, no momento final da intervenção, no pós-teste, se registem

diferenças significativas entre os grupos: experimental e de controle relativamente às várias dimensões da sexualidade.

Método

Participantes

A amostra (cf. quadro 1) é composta por 46 elementos pertencentes a duas turmas do 8º ano de escolaridade: A turma do grupo experimental constituída por 21 alunos e a turma do grupo de controle com 25 alunos. 52.2% são do sexo feminino (12 em cada grupo) e 47,8% do sexo masculino (9 no grupo experimental e 13 no grupo de controle). 71.1% dos sujeitos têm 13 anos, 26.7% têm 14 anos e apenas 2.2% com 12 anos (1 elemento do grupo experimental). 97.8% vivem com a mãe, sendo que 80.4% vivem com ambos os progenitores (apenas 1 elemento do grupo experimental não partilha a habitação com nenhum dos pais), 63% têm irmãos a partilhar a habitação, 23.9% têm outros familiares e 6.5% referem outros elementos.

Medidas

No âmbito desta investigação podem ser considerados dois tipos de avaliação distintas, a avaliação do processo, realizada ao longo de todo o processo de intervenção junto do grupo experimental, e a avaliação dos resultados (cf. Menezes, 2007). A avaliação contínua do projeto de intervenção, ou avaliação do processo, recorrendo aos “diários de bordo”,

realizados no final das sessões, e a outras estratégias mais interativas, permitiu monitorizar as mesmas, servindo o objetivo de contribuir para melhorar o próprio projeto, através da introdução das modificações necessárias ao planeamento da intervenção (Menezes, 2007), quer ao nível dos conteúdos a serem trabalhados quer ao nível das atividades, considerando os objetivos propostos.

No que concerne à avaliação dos resultados, esta consistiu na realização de um *t-test* para amostras emparelhadas, com o objetivo de comparar os dois momentos da avaliação (pré e pós-teste) em cada um dos grupos (experimental e controlo), considerando os três fatores da Escala de Atitudes e Opiniões sobre Sexualidade, tradução do *Test de Actitudes y Opiniones sobre Sexualidad* (Álvarez & Jurgenson, 2008). A avaliação dos resultados recorreu ainda ao *t-test* para amostras independentes, para verificar se, considerando os três fatores em análise, havia diferenças significativas entre o grupo experimental e o grupo de controlo em cada um dos momentos de avaliação.

Foi ainda realizada a estatística descritiva, com apresentação das frequências e percentagens, no intuito de explorar com quem é que os adolescentes falam mais sobre educação sexual e quem é que lhes dá as respostas mais adequadas às suas dúvidas sobre este domínio. Como complemento da avaliação dos resultados recorreu-se à análise de conteúdo das questões “para mim sexualidade é...” e “os sentimentos associados à sexualidade são...” para avaliar o significado que os adolescentes atribuem à vivência da sua sexualidade.

Procedimento

A presente investigação seguiu uma metodologia de *design quasi-experimental*, com um grupo experimental que foi alvo de um projeto de intervenção de educação sexual em contexto escolar e um grupo de controlo que não foi alvo de intervenção, a não ser a formação que eventualmente tiveram no âmbito de áreas curriculares não disciplinares, como a Área de Projeto ou a Formação Cívica ou a nível transdisciplinar; os dois grupos eram provenientes de duas escolas vizinhas da Área Metropolitana do Porto.

Em cada um dos grupos houve dois momentos de recolha de dados: o pré-teste, no início da intervenção (3 e 4 de março de 2009), e o pós-teste no final do projeto de intervenção (2 e 3 de junho de 2009). Seis meses após o final do processo (início de dezembro de 2009) realizou-se um terceiro momento de recolha de dados, no intuito de efetuar um *follow-up*, analisando a eficácia da intervenção em termos de manutenção das mudanças e da sua transferibilidade e generalização a novas situações.

Para a recolha de dados recorreu-se a diversos instrumentos para operacionalizar as variáveis em estudo e analisar a eficácia do projeto de intervenção no grupo experimental. Um questionário sócio-demográfico foi utilizado no primeiro momento de recolha de dados (no pré-teste), sendo composto por itens que permitiram caracterizar a amostra, abarcando alguns dados como o sexo do sujeito, a idade, com quem vive, com quem fala mais sobre questões relacionadas com educação sexual e quem oferece as respostas mais adequadas às suas dúvidas neste domínio. Foram ainda integradas neste

questionário duas questões abertas, usadas também nos segundo e terceiro momentos da avaliação (pós-teste e *follow-up*) para avaliar as concepções mais relacionais ou instrumentais da sexualidade por parte do adolescente: “para mim sexualidade é...” e “os sentimentos associados à sexualidade são...”.

O “diário de bordo”, foi utilizado apenas no grupo experimental para a avaliação do processo de intervenção, servindo o amplo objetivo de monitorização e reformulação recorrentes da intervenção, embora, no final do processo, tenha sido utilizado com uma perspectiva integradora do projeto de intervenção. É composto por 10 questões fechadas - cujas opções de resposta, numa escala com 5 opções, vão desde o “discordo totalmente” até ao “concordo totalmente” – e três questões abertas no sentido de perceber o que mais tinha agradado/desagradado aos jovens nas sessões e quais as sugestões que eles teriam para melhorar a intervenção.

Foi administrado no pré, pós-teste, ao grupo de controlo e ao grupo experimental, e a este último também no *follow-up*, a Escala de Atitudes e Opiniões sobre Sexualidade, tradução do *Test de Actitudes y Opiniones sobre Sexualidad* (Álvarez & Jurgenson, 2008), em virtude de ter revelado boas qualidades psicométricas (alfa de Cronbach = .950) e por ser um instrumento adequado para explorar as atitudes face à própria sexualidade e à sexualidade dos outros. A Escala de Atitudes e Opiniões sobre Sexualidade é composta por 21 itens distribuídos em três fatores: Integração sexual (comporta 12 itens e aborda a integração dos aspetos somáticos, emocionais, intelectuais e sociais do ser humano sexual, de maneira a enriquecer e realçar a personalidade, a comunicação e o amor); Mitos sobre sexualidade (engloba os 7 itens que

incluem afirmações que reforçam conhecimentos e crenças acerca da sexualidade que não são sustentados pela sexologia); e, Vivência do corpo sexuado (constituído por 2 itens relacionados com a forma como o indivíduo percebe o seu corpo e fazem referência ao medo e à culpa).

Os instrumentos, construídos ou traduzidos pela investigadora, foram alvo da análise de especialistas e da reflexão falada, efetuada com quatro jovens (dois do sexo masculino e dois do sexo feminino), alunos do 8º ano de escolaridade, com 14 anos de idade. Após este processo, foi realizada a reformulação dos instrumentos, que foram utilizados na investigação. No que concerne à Escala de Atitudes e Opiniões sobre Sexualidade foi retirado um item³, considerado, por parte dos especialistas, como desadequado ao nível de desenvolvimento dos sujeitos e outros foram reformulados para uma linguagem mais acessível à população-alvo.

Considerando que uma das etapas de elaboração de um projeto de intervenção é a análise das necessidades (Menezes, 2007), numa fase inicial realizou-se uma reunião com a Diretora da turma, que esteve presente ao longo de toda a intervenção, e uma sessão prévia com os pais dos alunos envolvidos. Nessa sessão foi-lhes apresentado o projeto de intervenção, solicitada a autorização para que os filhos participassem no projeto e para a utilização dos dados na presente investigação e terminou com a realização de uma discussão focalizada com questões orientadas para o levantamento de necessidades visando analisar o que os pais consideravam relevante desenvolver no projeto de intervenção com os seus filhos, considerando diversas questões. A utilização

³ “As relações sexuais orais ou anais são formas naturais de relações sexuais”

da discussão focalizada como estratégia de avaliação de necessidades permitiu a interação espontânea intra elementos do grupo e proporcionou uma compreensão mais profunda acerca das experiências pessoais numa população bem definida (Seal, Bogart & Ehrhardt, 1998), os pais dos elementos do grupo experimental.

O planejamento da intervenção assume um papel preponderante para o seu desenrolar, porque, como afirma Menezes (2007, p. 71) *“não é demais sublinhar a importância deste guião da intervenção, sem o qual se corre o risco de perder a intencionalidade do projeto”*. Por conseguinte, o desenho ou planejamento geral da intervenção, adotando um caráter de flexibilidade, teve em conta o racional teórico que sustentou esta investigação e os dados recolhidos no levantamento inicial de necessidades. Assim, os eixos estruturantes, recorrentes e transversais ao processo, que nortearam a intervenção poderiam ser sumarizados e enunciados pela seguinte ordem: (a) a construção de uma relação de empatia, respeito e confiança e a constante avaliação de necessidades; (b) as questões inerentes ao relacionamento interpessoal; (c) a descoberta da adolescência como uma oportunidade de desenvolvimento; (d) a procura do envolvimento dos pais no processo; (e) o desenvolvimento de uma conceptualização de sexualidade integradora de diversos aspetos do desenvolvimento humano; (f) identificação e a procura da diminuição dos riscos associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais.

As sessões realizadas recorreram maioritariamente a estratégias de caráter participativo, centradas em atividades desafiadoras, eleitas consoante os objetivos que se pretendiam alcançar, baseadas na reflexão sobre a sua

pertinência face ao grupo de intervenção. Por conseguinte, recorreram-se a estratégias tais como: discussão focalizada; tomada de perspectiva social; negociação interpessoal; discussão de grupo; *brainstorming*; *role-play*; expressão emocional; autorrevelação; recolha documental; preenchimento de fichas; apresentação multimédia; visionamento de filme; discussão de dilemas reais e hipotéticos (cf. Coimbra, 1990; Frade et al, 1999; McCaffree & Matlack, 2001; Menezes, 1990; Vaz, 1996).

Resultados

Analisando os resultados decorrentes das questões colocadas aos jovens sobre as pessoas a quem recorrem e as que dão respostas mais adequadas às questões relacionadas com educação sexual (cf. quadros 2 e 3), verifica-se que, a maioria dos jovens que compõem a amostra referem-se primeiramente aos amigos no que concerne a falar sobre questões relacionadas com educação sexual, aparecendo as mães em segundo lugar, contudo consideram as mães como as figuras que mais confiam e que dão as respostas mais adequadas às suas dúvidas neste domínio. No que respeita aos dois progenitores, considerando as duas questões anteriores, a mãe é sistematicamente referida como prioritária fonte de apoio, enquanto o pai é uma figura quase irrelevante nesta área do desenvolvimento do adolescente.

Com base na análise do *t-test* para amostras emparelhadas, realizado para avaliar o impacto da intervenção nos sujeitos do grupo experimental, pode afirmar-se que as diferenças de médias entre os três fatores da Escala de

Atitudes e Opiniões sobre Sexualidade são significativas entre pré e o pós teste, fornecendo-nos indicadores positivos acerca da eficácia da intervenção, como se pode observar a partir do quadro 4.

No que respeita ao fator 1 – “integração Sexual” – há diferenças estatisticamente significativas (aumento estatisticamente significativo) do pré-teste ($M=46.09$; $DP=4.02$) para o pós-teste ($M=47.95$; $DP=3.06$): $t=2.39$; $gl=20$; $p=0.02<0.05$. O valor de η^2 ($=0.22$; >0.14) indica que o efeito da intervenção é substancial.

No que concerne aos “mitos sobre sexualidade” – fator 2 – também se verificam diferenças estatisticamente significativas (aumento estatisticamente significativo) do pré-teste ($M=21.15$; $DP=5.06$) para o pós-teste ($M=25.71$; $DP=2.24$): $t=4.15$; $gl=19$; $p=0.01<0.05$. O valor de η^2 ($=0.47$; >0.14) indica que o efeito da intervenção é substancial. Assim, verificou-se um esbatimento significativo relativamente aos mitos face à sexualidade, traduzido num aumento significativo de respostas adequadas face a crenças potencialmente disfuncionais para uma vivência harmoniosa da sexualidade, o que permitiu confirmar a terceira hipótese colocada na presente investigação.

À semelhança dos resultados anteriores, o fator 3 – “vivência do corpo sexuado” – revela diferenças estatisticamente significativas (aumento estatisticamente significativo) do pré-teste ($M=7.20$; $DP=1.88$) para o pós-teste ($M=7.81$; $DP=1.69$): $t=2.15$; $gl=19$; $p=0.04<0.05$. O valor de η^2 ($=0.20$; >0.14) indica igualmente que o efeito da intervenção é substancial.

Considerando a utilização do *t-test* para amostras independentes, utilizado no intuito de verificar se havia diferenças significativas entre o grupo

experimental e o grupo de controlo antes e após a intervenção registam-se os seguintes resultados, também observáveis com a leitura do quadro 5. No pré-teste não se registam diferenças estatisticamente significativas entre o grupo experimental e o grupo de controlo nas 3 dimensões da escala - “integração sexual”, mitos sobre sexualidade” e “vivência do corpo sexuado” - confirmando a primeira hipótese colocada no âmbito da presente investigação que pressupunha a existência de uma situação inicial equivalente entre os dois grupos.

No que concerne aos resultados registados no pós-teste, há diferenças estatisticamente significativas entre o grupo experimental ($M=25.71$; $DP=2.24$) e o grupo de controlo ($M=22.00$; $DP=3.87$) quanto ao fator “mitos sobre sexualidade” ($t=3.867$; $p=0.00<0.05$; $eta=0.25$). No que respeita aos outros fatores, não há diferenças estatisticamente significativas no momento final da avaliação. Assim, não há diferenças entre o grupo experimental ($M=47.95$; $DP=3.06$) e o grupo de controlo ($M=47.40$; $DP=3.06$) no fator “integração sexual” ($t=0.611$; $p=0.55>0.05$; $eta=0.008$) e não há diferenças entre o grupo experimental ($M=7.20$; $DP=1.88$) e o grupo de controlo ($M=7.08$; $DP=1.73$) no fator “vivência do corpo sexuado” ($t=-0.575$; $p=0.57>0.05$; $eta=0.007$).

Analisando os dados à luz da quarta hipótese da investigação, que esperava que, no momento final da intervenção (pós-teste) se registassem diferenças significativas entre os grupos, experimental e de controlo, relativamente às várias dimensões da sexualidade, deve referir-se que esta foi parcialmente confirmada, tendo apenas a dimensão “mitos sobre sexualidade” evidenciado diferenças significativas.

No que respeita às questões “para mim sexualidade é...” e “os sentimentos associados à sexualidade são...”, utilizadas para avaliar o significado que os adolescentes atribuem à vivência da sua sexualidade, verificam-se resultados distintos. A segunda questão trouxe respostas muito idênticas, quer se compararmos os dois grupos (experimental e de controlo), quer se compararmos os dois momentos da avaliação (pré e pós-teste), sendo o amor o sentimento mais referido associado à sexualidade.

No que concerne à primeira questão, os sujeitos do grupo experimental, no momento da avaliação final, apresentaram uma definição da sexualidade menos instrumental e mais integradora e abrangente, do que no início, com marcas relacionais e centrada nos afetos, como por exemplo “É muito mais do que prazer. Engloba todo o relacionamento de uma pessoa: amizade, amor, companheirismo, etc.”, por oposição a definições como “sexo” ou “duas pessoas a fazerem sexo ou amor”, apresentadas quer no primeiro momento de avaliação em ambos os grupos, quer no momento final de avaliação do grupo de controlo.

Assim, o facto de os adolescentes manifestarem uma visão da sexualidade menos instrumental e mais integradora e abrangente, com marcas relacionais e centrada nos afetos, no final da intervenção em relação ao início da intervenção, bem como as diferenças significativas registadas entre o pré e o pós-teste, no que respeita ao fator “integração sexual” da Escala de Atitudes e Opiniões sobre Sexualidade, são indicadores que vão no sentido da confirmação da segunda hipótese da investigação.

Uma análise qualitativa da avaliação final do processo de intervenção realizada pelos sujeitos (cf. quadro 6), através do preenchimento de um questionário com os mesmos itens do “diário de bordo”, que foi utilizado no final de cada sessão para avaliar o processo e redefinir e ajustar os objetivos da sessão seguinte às necessidades do grupo alvo, constitui-se como complemento de avaliação dos resultados. Acresce ainda a reflexão solicitada aos adolescentes, designada “o que eu aprendi?/o que nós aprendemos?”, realizada na penúltima sessão da intervenção. Este tipo de avaliação, partindo dos significados construídos pelos próprios sujeitos (Azevedo & Valverde, 1999) permite refletir acerca da eficácia do processo, na perspectiva dos seus coautores.

Alguns dados desta avaliação qualitativa final são observáveis nos depoimentos dos alunos que referiram “Nós aprendemos que sexualidade não é propriamente sexo, mas sim prazer, amor, carinho, etc. Aprendemos também a lidar com nós próprios e a ouvirmos os outros da melhor maneira possível” e “Durante estes encontros aprendemos de tudo um pouco. Conhecemos as características e a utilização de novos métodos contraceptivos, aprendemos a aceitar-nos a nós próprios, aprendemos a relacionarmo-nos em grupo, a exprimir dúvidas e estar à vontade para falar sobre sexualidade, respeitar os outros e colocarmo-nos no lugar deles. Achamos as aulas muito interessantes e enriquecedoras”. O depoimento da Diretora de Turma, presente na totalidade das sessões, como mera observadora, constitui-se como uma mais-valia, no que concerne à avaliação do processo. A professora refere, entre outros aspetos que

“... para mim, foram momentos de aprendizagem constante, contribuindo para uma autorreflexão sobre esta temática. Por tudo isto, o projeto valeu a pena”.

Discussão

Analisando os resultados decorrentes das questões colocadas aos jovens sobre as pessoas a quem recorrem e as que dão respostas mais adequadas às questões relacionadas com educação sexual, verifica-se que a maioria dos jovens que compõem a amostra referem-se primeiramente aos amigos no que concerne a falar sobre questões relacionadas com educação sexual, aparecendo as mães em segundo lugar.

O facto de os amigos e as mães aparecerem como principais agentes de conversação vai de encontro aos dados da investigação realizada por Vilar et al (2009) junto de jovens portugueses. Os autores referem que os jovens conversam mais sobre sexualidade com os amigos, apresentando-se estes como interlocutores preferenciais, seguidos das mães, que surgem em segundo lugar. São os amigos a fonte de informação mais acessível e onde os adolescentes estão mais confortáveis para expor as suas dúvidas (Dias, 2009), constituindo-se a amizade como uma das dimensões mais importantes no desenvolvimento dos adolescentes, através da partilha e apoio no que concerne a opiniões e vivências (Soares, 1990; Lipovsek et al, 2002 *in* Dias et al, 2007; Dias, 2009).

Apesar das mães serem o segundo interlocutor, a seguir aos amigos, na preferência dos adolescentes para conversarem sobre as temáticas da sexualidade, a figura materna assume o principal protagonismo nos momentos

em que têm dúvidas e quando querem respostas fiáveis acerca dos assuntos que os atingem. Esta constatação é coerente com algumas investigações que sugerem que as mães são percecionadas como melhor fonte de informação e o porto seguro de abrigo em momentos críticos do desenvolvimento (Dias, 2009).

No que respeita aos dois progenitores, considerando as duas questões anteriores, a mãe é sistematicamente referida como prioritária fonte de apoio, enquanto o pai é uma figura quase irrelevante nesta área do desenvolvimento do adolescente. Na sociedade atual, apesar das mudanças que têm vindo a ocorrer no sentido de uma maior e progressiva partilha, por parte dos dois cônjuges, nas tarefas da educação dos filhos, ainda é a figura materna que ocupa uma grande centralidade e quem mais participa em atividades dirigidas aos progenitores, estando a figura paterna, frequentemente, ausente (Gonçalves, 2008). Num projeto de educação parental desenvolvido por Cruz & Pinho (2008), a maioria dos participantes era do sexo feminino, à semelhança do que ocorreu aquando da realização da sessão levada a cabo junto dos progenitores do grupo experimental, na qual estavam presentes 19 mães e apenas 6 pais. Estes resultados confirmam a constatação de Vilar et al (2009): uma percentagem bastante significativa de jovens fala muito pouco de assuntos de cariz sexual com os seus progenitores ou evitam a sua abordagem sobretudo junto da figura paterna.

Considerando os restantes resultados apresentados no decurso deste documento, há indicadores de que a intervenção realizada junto do grupo experimental foi eficaz, uma vez que além das diferenças significativas entre o

pré e o pós-teste, nas diversas dimensões quantitativas analisadas, os aspetos mencionados na avaliação qualitativa também são indicadores dessa eficácia. Estes resultados são explicáveis, desde o nosso ponto de vista, às opções conceptuais e metodológicas que se assumiram. Releva-se o facto de se ter utilizado uma metodologia de projeto (Menezes, 2007), indo de encontro às necessidades manifestadas pela população alvo, tendo em conta os contextos de vida mais próximos dos adolescentes, partindo de uma abordagem ecológica (Bronfenbrenner, 1979) e adotando estratégias de exploração reconstrutiva para promoção do desenvolvimento dos adolescentes (Campos, 1992; Coimbra, 1991 *in* Menezes, 1999). O conjunto de todos estes ingredientes desenvolvimentais e empoderantes terão contribuído significativamente para o efeito substancial da intervenção. Existe, de facto, um consenso alargado em relação às metodologias ativas e participativas, utilizando um conjunto vasto de técnicas num registo flexível, serem as mais adequadas e eficazes em educação sexual (Lopéz, 1990; Vaz, 1996; Frade, 1999). Tal como refere Frade (1999): *“Partir dos conhecimentos individuais e do grupo (certos ou errados), utilizar esses e novos conhecimentos, problematizar e resolver situações, utilizar o humor e o jogo ou trabalhar em pequenos grupos são as metodologias mais eficazes nesta área”* (p. 20).

Relativamente ao registo de diferenças altamente significativas entre o grupo de controlo e experimental no que concerne aos mitos sobre sexualidade ($p=0.00$) poderá estar relacionado com o facto de, ao longo da intervenção, se ter procurado desconstruir alguns mitos potencialmente predisponentes do desenvolvimento de disfunções sexuais, que são passíveis de se constituir

como fatores de vulnerabilidade para o desenvolvimento de dificuldades neste âmbito (Nobre et al, 2003; Nobre, 2006). Esta intervenção ao recorrer a estratégias diversificadas, como as estratégias de negociação interpessoal (Selman, 1986; *in* Coimbra, 1990), envolvendo processos psicológicos, como a tomada de perspectiva social e a descentração possibilitou aos jovens a reflexão sobre diversas questões de uma maneira mais abrangente, articulando diferentes pontos de vista num nível de maior ou menor complexidade (Coimbra, 1990). Assim, espera-se que a intervenção tenha efeitos ao nível da vivência da sexualidade, uma vez que, considerando a diminuição significativa de mitos face à sexualidade, prevê uma vivência mais gratificante desta dimensão. Neste mesmo sentido, Vilar et al (2009) referem que melhores níveis de educação sexual se traduzem numa vivência mais gratificante ao nível das relações sexuais.

No que respeita à dimensão “vivência do corpo sexuado”, relacionada com a forma como o indivíduo percebe o seu corpo e que faz referência ao medo e à culpa, não há diferenças significativas entre os dois grupos, o que talvez possa ser justificado pelo facto de este fator ser composto por apenas dois itens que torna difícil a obtenção de diferenças estatisticamente significativas. Outra explicação possível pode estar relacionada com o próprio desenvolvimento da adolescência, tendo em conta que uma das tarefas de desenvolvimento nesta fase da vida se prende com as questões relacionadas com o corpo e com a identidade sexual (Sampaio, 1993) e que, embora seja comum, não é necessário que o adolescente desenvolva qualquer tipo de problema ou perturbação relacionado com a vivência do corpo em constante

mudança, até porque *“ao longo da vida, o indivíduo confronta-se com sucessivas mudanças ao nível do seu corpo e, conseqüentemente, na forma como ele o vive, obrigando-o a adaptar-se e a integrar positivamente essas mesmas mudanças”* (Costa, 1998, p.125).

No que respeita ao fator “integração sexual”, é curioso o facto de ambos os grupos partirem de uma situação inicial estatisticamente equivalente ($p=0.31$); quando comparados os dois momentos de avaliação de cada um deles, o grupo de controlo não revela diferenças significativas ($p=0.72$) e o grupo experimental apresenta uma evolução significativa ($p=0.02$) - justificada pela intervenção levada a cabo -; contudo, quando comparados novamente os dois grupos no final da intervenção, não se verificam diferenças significativas ($p=0.55$). Assim, apesar de o grupo experimental ser o único a apresentar uma evolução positiva, no que respeita a apresentar uma perspectiva de sexualidade que vai de encontro à definição da Organização Mundial de Saúde (1975, *in* Álvarez & Jurgenson, 2008), que aborda a integração dos aspetos somáticos, emocionais, intelectuais e sociais do ser humano sexual, de maneira a enriquecer e realçar a personalidade, a comunicação e o amor, não se pode dizer que as suas perspectivas, no momento final, sejam diferentes, no que concerne às respostas de carácter fechado aos instrumentos de avaliação. Nesta dimensão, também é curioso observar, a partir da solicitação de uma definição de sexualidade, que as respostas à pergunta aberta são mais abrangentes e integradoras da sexualidade no grupo experimental. Contudo, esta questão pode estar mais relacionada com o facto de alguém ter abordado questões inerentes à sexualidade e, inclusive, ter apresentado a definição da Organização

Mundial de Saúde e não com diferenças reais de desenvolvimento. Por outro lado, o facto de o outro instrumento possuir respostas fechadas, pode dar azo a respostas pouco refletidas por parte dos jovens, porque as respostas do grupo de controlo às perguntas fechadas não se refletem na resposta às questões abertas.

Vale ainda a pena refletir acerca das diferenças do resultado registado entre o grupo de controlo e o grupo experimental sobre as conceções da sexualidade, avaliadas no pré-teste e no pós-teste, a partir da avaliação qualitativa das respostas em aberto: o grupo experimental tem uma conceção da sexualidade mais abrangente englobando fatores fisiológicos, emocionais, afetivos, relacionais e sociais que potenciam a vivência de uma sexualidade mais satisfatória, atribuindo-se este resultado aos efeitos da intervenção. Embora tenha de se assumir que, durante muito tempo, a educação sexual enfatizou exclusivamente uma perspetiva biológica da sexualidade, cujo objetivo era impedir ou reduzir os problemas relativos à esfera sexual e à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e prevenção da gravidez não planeada (Soares & Campos, 1986) é prioritário que a educação sexual incida prioritariamente, sem descuidar os riscos associados à sexualidade, nas dimensões afetivas e relacionais da sexualidade (Leitão, 2002).

Os dados que foram recolhidos na discussão focalizada no grupo experimental, na “caixa de perguntas”, e nas questões abertas no grupo de controlo e experimental no pré-teste indicam-nos, como era esperado, que os adolescentes têm uma perspetiva essencialmente biológica da sexualidade (Leitão, 2002). De facto, em nenhum dos grupos foi referida a afetividade, os

sentimentos ou as relações interpessoais como temáticas propostas para serem desenvolvidas ao longo do projeto. As temáticas que são relevadas por parte dos adolescentes têm a ver com a adolescência e mudanças da puberdade, os órgãos sexuais, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos, a primeira vez. Não nos surpreende esta perspectiva da sexualidade nos adolescentes, já que essa perspectiva que lhes tem sido transmitida quer pela escola (onde as únicas atividades de educação sexual que tiveram foram as aulas de Ciências sobre os aparelhos reprodutores) quer pelos *mass media*.

Estes últimos, na maioria das vezes, ou se centram nos “perigos da sexualidade”, nomeadamente apresentando dados alarmantes sobre as doenças sexualmente ou transmissíveis ou contribuem para a banalização gratuita da sexualidade. Mesmo quando existem programas de educação sexual, muitas vezes, “(...) incidem particularmente nos aspetos do corpo sexuado e da função sexual (imagem do corpo, identidade e papéis de género, orientação sexual, alterações pubertárias, masturbação, relação sexual, gravidez e contraceção, DST), enquanto que os aspetos afetivos e relacionais envolvidos na sexualidade apenas são a florados ou então puramente omitidos.” (Leitão, 2002, p. 231). A transformação da representação do grupo experimental face á sexualidade apenas se poderá atribuir aos efeitos da intervenção.

Considerando a totalidade dos resultados apresentados no decurso deste documento, há indicadores de que a intervenção realizada junto do grupo experimental foi eficaz. Esta eficácia é comprovada com os resultados do terceiro momento de avaliação (*follow-up*) realizado seis meses após o final da

intervenção, nos quais é possível observar que não há diferenças significativas entre o pós-teste e o *follow-up* nos fatores “integração sexual” ($p=0.22>0.05$) e “mitos sobre sexualidade” ($p=0.08>0.05$), havendo apenas diferenças estatisticamente significativas no fator “vivência do corpo sexuado” ($p=0.05$), embora constitua uma melhoria no resultado, uma vez que a diferença é no sentido de um aumento de média, evidenciando respostas mais positivas. A esta análise acresce as respostas no, *follow-up*, às questões “para mim sexualidade é...” e “os sentimentos associados à sexualidade são...”, utilizadas para avaliar o significado que os adolescentes atribuem à vivência da sua sexualidade que mantém uma conceptualização de sexualidade mais integradora e menos instrumental de sexualidade, como por exemplo “além de ser o amor que sentimos por outras pessoas, é também a mudança em aspetos físicos, a mudança de comportamento, conversas mais íntimas, ter relações sexuais”.

Estes resultados são explicáveis pelas opções conceptuais e metodológicas que se assumiram. Releva-se o facto de se ter utilizado uma metodologia de projeto (Menezes, 2007), indo de encontro às necessidades manifestadas pela população alvo, tendo em conta os contextos de vida mais próximos dos adolescentes, partindo de uma abordagem ecológica (Bronfenbrenner, 1979) e adotando estratégias de exploração reconstrutiva para promoção do desenvolvimento dos adolescentes (Campos, 1992; Coimbra, 1991 *in* Menezes, 1999). O conjunto de todos estes ingredientes desenvolvimentais e empoderantes terão contribuído significativamente para o efeito substancial da intervenção. Existe, de facto, um consenso alargado em

relação às metodologias ativas e participativas, utilizando um conjunto vasto de técnicas num registo flexível, serem as mais adequadas e eficazes em educação sexual (Frade, 1999; Lopéz, 1990; Vaz, 1996). Tal como refere Frade (1999): *“Partir dos conhecimentos individuais e do grupo (certos ou errados), utilizar esses e novos conhecimentos, problematizar e resolver situações, utilizar o humor e o jogo ou trabalhar em pequenos grupos são as metodologias mais eficazes nesta área”* (p. 20).

Este projeto apresenta-se como um contributo positivo para dar resposta às necessidades emergentes dos adolescentes, famílias e contexto escolar, pela inovação das metodologias implementadas e tipo de atividades desenvolvidas, apresentando alguns pontos fortes, tais como: ser um projeto de intervenção abrangente que procurou promover o desenvolvimento integral dos indivíduos no seu contexto, a adoção de uma metodologia de projeto, a opção por estratégias de exploração reconstrutiva e o recurso a uma metodologia de *design quasi-experimental* (pré-teste, pós-teste e *follow-up*) com instrumentos de avaliação quantitativa e qualitativa.

Contudo, embora os resultados da presente investigação, possam ser considerados, na sua globalidade, como um contributo importante para a investigação e intervenção nesta área do saber, confrontamo-nos incontornavelmente com algumas limitações que interessam identificar e refletir para futuros desenvolvimentos: aumentar a dimensão temporal; conseguir promover um maior envolvimento dos pais; realizar dois sub-grupos (eventualmente com condições experimentais diferenciadas); melhorar a

adequação dos instrumentos; e, realizar o *Follow-up* também no grupo de controle.

Apesar das dificuldades e limitações da presente investigação, ela permite retirar algumas implicações pertinentes para a intervenção psicológica, dado o seu potencial, fundamentalmente no que concerne à promoção do desenvolvimento dos adolescentes. Assim, assumindo a importância de uma intervenção em contexto escolar, no âmbito da educação sexual, propõe-se um modelo de intervenção complexo e concertado entre diversos intervenientes, alicerçado numa abordagem desenvolvimentista, construtivista e ecológica. Não obstante, impera salientar a pertinência de, neste âmbito, se educar para os afetos e para as relações interpessoais harmoniosas, promovendo o desenvolvimento global dos adolescentes, no sentido da autonomia e da responsabilidade.

ANEXOS - TABELAS

Quadro 1.

Caracterização da amostra (frequência e percentagem)

	Sexo		Idade			Partilha a habitação com...				
	M	F	12	13	14	Mãe	Pai	Irmãos	Outros família	Outros
GE F = 21	9	12	1	15	5	20	18	13	5	2
GC F = 25	13	12	0	17	7	25	19	16	6	1
TOTAL %	47.8	52.2	2.2	71.1	26.7	97.8	80.4	63	23.9	6.5

GE= Grupo experimental; GC= Grupo de controlo

Quadro 2.

Resposta à pergunta “Com quem falas mais sobre questões relacionadas com educação sexual? (coloca por ordem – 1ª a ...)”

	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	Não refere
Pai	8.7%	2.2%	15.2%	6.5%	4.3%			63%
Mãe	23.9%	37%	4.3%	6.5%				28.3%
Irmãos	2.2%	6.5%		2.2%	2.2%			87%
Outros familiares		8.7%	10.9%	2.2%				78.3%
Amigos/Colegas	65.2%	19.6%	10.9%					4.3%
Professores	2.2%	10.9%	4.3%	2.2%	2.2%	2.2%		76.1%
Outros	2.2%	2.2%	6.5%				2.2%	87%

Quadro 3.

Resposta à pergunta “Quem dá respostas mais adequadas às tuas dúvidas relacionadas com educação sexual? (coloca por ordem – 1º a ...)”

	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	Não refere
Pai	8.7%	17.4%	4.3%	2.2%				67.4%
Mãe	54.3%	13%	2.2%					30.4%
Irmãos	6.5%		2.2%	2.2%	2.2%			87%
Outros familiares	4.3%	4.3%	10.9%	2.2%				78.3%
Amigos/Colegas	10.9%	45.7%	8.7%	8.7%	4.3%			21.7%
Professores	15.2%	4.3%	8.7%			2.2%		69.6%
Outros	2.2%	4.3%	2.2%		2.2%		2.2%	87%

Quadro 4.

Resultados de cada dimensão do pré-teste e pós-teste no grupo experimental

		M	t	p
Fator 1 Integração sexual	Pré-Teste	46.09		
	Pós-Teste	47.95	2.39	0.02
Fator 2 Mitos sobre sexualidade	Pré-Teste	21.15		
	Pós-Teste	25.71⁴	4.15	0.01
Fator 3 Vivência do corpo sexuado	Pré-Teste	7.20		
	Pós-Teste	7.81	2.15	0.04

⁴ Um valor mais elevado representa que os sujeitos dão respostas mais adequadas, logo evidenciam menos mitos face à sexualidade

Quadro 5.
Resultados de cada dimensão do grupo experimental e de controle no pré-teste e pós-teste

		Pré-Teste			Pós-Teste		
		M	t	p	M	t	p
Fator 1 Integração sexual	G E	46.09	1.034	0.31	47.95	0.611	0.55
	G C	47.16			47.40		
Fator 2 Mitos sobre sexualidade	G E	21.15	0.450	0.65	25.71²	3.867	0.00
	G C	20.56			22.00		
Fator 3 Vivência do corpo sexuado	G E	7.20	0.222	0.83	7.81	0.575	0.57
	G C	7.08			8.08		

GE= Grupo experimental; GC= Grupo de Controle

Quadro 6.
Respostas ao questionário de avaliação final

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Aprendi coisas novas				14.3%	85.7%
Ajudou-me a conhecer aspetos positivos em mim próprio			4.8%	61.9%	33.3%
Aprendi coisas importantes para a minha vida				38.1%	61.9%
Ofereceu-me a oportunidade de pensar sobre a vivência da minha sexualidade			9.5%	38.1%	52.4%
Aprendi a tomar boas decisões			9.5%	52.4%	38.1%
Ajudou-me a compreender como lidar com a minha sexualidade			4.8%	52.4%	42.9%
Ajudou-me a compreender melhor a mim mesmo			19%	47.6%	33.3%
Ajudou-me a compreender melhor as outras pessoas			4.8%	52.4%	42.9%
Aprendi a evitar coisas que poderiam ter consequências negativas na minha vida		4.8%		66.7%	28.6%
Ajudou-me a sentir mais à vontade para falar sobre sexualidade	4.8%		19%	23.8%	52.4%

Referências

- Abal, Y. N.; González, A. M. C.; González, J. C. S., & Linares, E. T. (2004).
Comportamientos y Actitudes Sexuales en Adolescentes y Jóvenes. *Archivos Hispanoamericanos de Sexologia*, X (2), 167-182.
- Álvarez, P. M., & Jurgenson, J. L. A. G. (2008). Validación de una escala para medir actitudes ante la sexualidade en la población mexicana. *Comunicação apresentada no 6º Congresso Nacional de Investigación en Sexologia*. México: novembro de 2008.
- Azevedo, J., & Valverde, C. (1999). A Perspetiva Construtivista na Avaliação de Processos de Intervenção e de Formação. In Soares, A.P.; Araújo, S. & Caires, S. (Orgs.). *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga: APPORT.
- Arnal, R. B., & Llario, M. D. G. (2006). La sexualidade en niños de 9 a 14 años. *Psicothema*, 18 (1), 25-30.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Campos, B. P. (1992). A informação na orientação profissional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 5-16.
- Chalmers, B.; Sand, M.; Muggah, H.; Oblivanova, L.; Almazova, N., & Tcatchenko, E. (1998). Contraceptive Knowledge, attitudes and use among women attending health clinics in St. Petersburg, Russian Federation. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 7 (2), 129-137.

- Carréra-Fernandez, M. V.; Lameiras-Fernandez, M.; Foltz, M. L.; Núñez-Mangana, A. M., & Rodríguez-Castro, Y. (2007). Evaluacion de un programa de educacion sexual con estudiantes de Educacion Secundaria Obligatoria. *Intemational Journal of Clinical and Health Psychology*, 7 (3), 739-751.
- Coimbra, J. L. (1990). Desenvolvimento Interpessoal e Moral. In B. P. Campos (Coord.) (1990) *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens* (Vol. II). Lisboa: Universidade Aberta.
- Corcoran, J.; Franklin, C., & Bennett, P. (2000). Ecological factors associated with adolescent pregnancy and parenting. *Social Work Research*, 24 (1), 29-39.
- Costa, M. E. (1998). *Novos encontros de amor*. Porto: Edinter.
- Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Porto: Edições Asa.
- Costa, E., & Leal, I. P. (2005). Dimensões sócio-cognitivas na adesão das mulheres à contraceção. *Análise Psicológica*, 3 (XXIII), 247-260.
- Cruz, H. & Pinho, I. (2008). *Pais... Uma experiência*. Porto: Livpsic.
- Dias, S.; Matos, M. G. & Gonçalves, A. (2007). Percepção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais. *Análise Psicológica*, 4 (XXV), 625-634.
- Dias, S. M. F. (2009). *Comportamentos Sexuais nos Adolescentes: Promoção da Saúde Sexual e Prevenção do VIH/Sida*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

- Frade, A.; Marques, A. M.; Alverca, C., & Vilar, D. (1999). *Educação Sexual na Escola: Guia para Professores, Formadores e Educadores*. Lisboa: Texto Editores.
- Franklin, C., & Corcoran, J. (2000). Preventing Adolescent Pregnancy: A Review of Programs and Practices. *Social Work*, 45 (1), 41-52.
- Giacomozzi, A. I. (2006). A utilização do preservativo em envolvimento sexuais eventuais: estudo de representações sociais. *Psychologica*, 41, 297-315.
- Goldfarb, E. S., & McCaffree, K. (2000). Toward a More Effective Pedagogy for Sexuality Education: The Establishment of Democratic Classrooms. *Journal of Sex Education and Therapy*, 25 (2 & 3), 147-155.
- Gonçalves, C. M. (2008). *Pais aflitos, filhos com futuro incerto? Um estudo sobre a influência das famílias na orientação dos filhos*. Coleção Textos Universitários, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Leitão, L. M. (2002). Sexualidade e Afetividade. *Psychologica*, 30, 229-240.
- López, F. (1990). *Educación Sexual*. Madrid: Fundación Universidad-Empresa.
- Martin, J. (1990). Confusions in Psychological Skills Training. *Journal of Counseling & Development*, 68, 402-407.
- McCaffree, K. A., & Matlack, A. L. (2001). Does Sexuality Education Last? Self-Reported Benefits of a High School Comprehensive Sexuality Education Course. *Journal of Sex Education and Therapy*, 26 (4), 347-357.

- McIntyre, T., & Araújo, S. (1999). Programas de Promoção da Saúde: Avaliação da Eficácia de um Programa de Promoção da Saúde Psicosssexual para Adolescentes (PPSPA). In A. P. Soares, S. Araújo, & S. Caires (Orgs.). *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga: APPORT.
- Menezes, I. (1990). O Desenvolvimento Psicosssexual. In B. P. Campos (Coord.). *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens* (Vol. II). Lisboa: Universidade Aberta.
- Menezes, I. (1999). *Desenvolvimento psicológico na formação pessoal e social*. Porto: Edições Asa.
- Menezes, I. (2007). *Intervenção Comunitária: Uma Perspetiva Psicológica*. Porto: Livpsic.
- Nobre, P. J. (2006). *Disfunções sexuais*. Lisboa: Climepsi editores.
- Nobre, P. J.; Gouveia, J. P., & Gomes, F. A. (2003). Sexual Dysfunctional Beliefs Questionnaire: an instrument to assess sexual dysfunctional beliefs as vulnerability factors to sexual problems. *Sexual and Relationship Therapy*, 18 (2), 171-204.
- Olsen, J., & Weed, S. (1992). Student evaluation of sex education programs advocating abstinence. *Adolescence*, 27 (106), 370-380.
- Papalia, D.; Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Piscalho, I., & Leal, I. (2002). Promoção e educação para a saúde: Educação da sexualidade nas escolas – Um projeto de investigação-ação com adolescentes que frequentam o 10º ano de escolaridade. In I.

Leal et al. (Eds.). *Atas do 4º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde: A Saúde numa Perspetiva de Ciclo de Vida*. Lisboa: ISPA.

Rolston, B.; Schubotz, D., & Simpson, A. (2004). The First Time: Young People and Sex in Northern Ireland. *Journal of Youth Studies*, 7 (2), 191-207.

Sampaio, D. (1993). *Vozes e Ruídos: Diálogos com Adolescentes*. Lisboa: Editorial Caminho.

Sampaio, D.; Batista, M. I.; Matos, M. G., & Silva, M. O. (2007). *Grupo de Trabalho de Educação Sexual - Relatório Final*. Ministério da Educação.

Seal, D. W., Bogart, L. M., & Ehrhardt, A. A. (1998). Small group dynamics: The utility of focus group discussions as a research method. *Group dynamics: theory, research and Practise*, 2 (4), 253-266.

Soares, I. (1990). O grupo de pares e a amizade. In B. P. Campos, (Coord.). *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens* (Vol. II). Lisboa: Universidade Aberta.

Soares, I., & Campos, B. P. (1986). Educação sexual e desenvolvimento psicosexual. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 71-79.

Thomas, B. H., Mitchell, A., Devlin, M. C., Singer, J., & Watters, D. (1992). Small group sex education at school. The MacMaster Teen Program. In B. C. Miller, J. J. Card, R. L. Paikof, & J. L. Peterson, (Eds) *Preventing adolescent pregnancy. Model program and evaluations*. Newbury Park: Sage.



Vaz, J.M. (Coord.) (1996). *Educação Sexual na Escola*. Lisboa: Universidade Aberta.

Vilar, D.; Ferreira, P. M., & Duarte, S. (2009) A educação sexual dos jovens portugueses – conhecimentos e fontes. *In* D. Vilar (Diretor). *Educação Sexual em Rede*, 5, 2-53. Lisboa: APF.

Voss, J., & Kogan, L. (2001). Behavioral Impact of a Human Sexuality Course. *Journal of Sex Education and Therapy*, 26 (2), 122-132.

Recebido em 05/4/2013. Aceito em 5/6/2013.

Contatos: